

STRIP-TEASE VIRTUAL: REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS OU “ISSO” É SEXO?

VIRTUAL STRIP-TEASE: REPRESENTATIONS AND PRACTICE OR IS ‘THIS’ SEX?

Weslei Lopes Silva*

Juliana Gonzaga Jayme**

RESUMO:

A proposta deste artigo está em refletir como algumas mulheres que realizam *strip-tease* virtual pago representam seu trabalho e as performances que levam a cabo via internet em seu cotidiano de trabalho. Nesse sentido, e fundamentados especialmente nos estudos de corpo (CSORDAS, 2008) e de gênero (BUTLER, 2002, 2003), propomos a problematização de como elas pensam suas encenações ante a webcam a partir de um corpo hiper-sexualizado e as possíveis relações (ou não) com a pornografia. Ademais, tratamos das peculiaridades da realização de seu trabalho mediado pelas telas dos computadores e da busca de invisibilidade por parte delas em razão do estigma decorrente do mercado do sexo no qual estão inseridas.

PALAVRAS-CHAVE: *web strippers*; corpo e gênero.

ABSTRACT:

The purpose of this article is to reflect on how some women who work with the online paid striptease represent their job and their performances that are made through the Internet on their daily work life. In this sense, and based especially on the studies of embodiment (CSORDAS, 2008) and gender (BUTLER, 2002, 2003), we present a questioning of how they think about their performances at the webcam from a hyper-sexualized body and the possible relationships (or not) with pornography. Furthermore, we

* Doutor em Ciências Sociais (2014) pela PUC de Minas Gerais. Professor do departamento de Educação da Universidade de Itaúna. MINAS GERAIS, Brasil. wesleilop@gmail.com

** Doutora em Ciências Sociais pela Unicamp, professora do Departamento de Ciências Sociais da PUC de Minas Gerais. MINAS GERAIS, Brasil. julianajayme@pucminas.br

explore the peculiarities of performing their work mediated by the computer screens and the search for invisibility by them because of the stigma due to the sex market in which they are inserted.

KEYWORDS: web strippers; body and gender.

APRESENTAÇÃO

Este texto parte de uma pesquisa etnográfica¹ com mulheres que trabalham com *strip-tease on-line*, as *web strippers*. O objetivo daquela etnografia era compreender a experiência e a percepção corporal nas interações com os clientes por meio da internet (SILVA, 2014). Nosso interesse neste artigo é refletir sobre a prática dessas mulheres, especialmente a partir dos estudos de corpo e gênero e sobre os modos como elas representam seu universo de trabalho e as performances que executam cotidianamente ante a *webcam*. Como elas se representam a si próprias? Como denominam seu trabalho? Quais as particularidades de trabalhar com o corpo por meio das telas dos computadores? Essas são algumas questões que norteiam o artigo. A pesquisa foi feita com nove mulheres que se dedicam ao *strip-tease* virtual pago. Durante dois anos foram acompanhadas *blogs*, *sites* pessoais e contas em redes sociais (Twitter, Facebook) dessas mulheres. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas e conversas informais através comunicadores instantâneos. Outra fonte importante para a investigação foram suas apresentações em *sites* de shows de *strip-tease* coletivo², que possibilitaram captar as variadas estratégias usadas em suas apresentações.

A aproximação inicial com esse universo se deu a partir de *sites* nacionais que oferecem o serviço de *strip-tease on-line* em “salas” coletivas ou individuais. Nas coletivas várias pessoas podem assistir às apresentações de *strippers*, geralmente mulheres ou casais, formados por homem-mulher ou dupla de mulheres; nas salas individuais, o(a) cliente interage sozinho(a) com quem se apresenta, o que faz essas salas serem mais caras que as coletivas. Nesses *sites*, no entanto, não foi possível conseguir a participação de nenhuma *stripper* para a pesquisa que se desenvolvia, visto que era proibido por contrato que elas tivessem qualquer relação não-comercial com outras pessoas nesses espaços, bem como passarem qualquer tipo de contato.

A alternativa foi buscar tais mulheres em *blogs* e *sites* pessoais que servem como suporte de propaganda e agenciamento de seus serviços, o que teve resultado positivo já na primeira tentativa. Desde então, criou-se uma rede de informantes que viabilizou a participação de outras *strippers*. É preciso destacar, no entanto, que localizá-las, convencê-las a participar da pesquisa e conseguir entrevistá-las dada sua sobrecarregada

agenda de shows não foi tarefa fácil. Foram muitas horas de conexão à internet à espera de uma lacuna para que se pudesse conversar com elas.

Os *sites* pessoais e *blogs* se mostraram como um significativo campo de possibilidades para a investigação, posto que ali estão diversas fotos, vídeos e informações sobre o serviço que as mulheres oferecem via internet, as variantes dos shows, entre outras referências. Nas fotos e vídeos que servem como propaganda de suas práticas, elas buscam a estilização de seu corpo por meio de poses, maquiagens, roupas e expressões faciais em acordo com uma versão específica de feminilidade. Ostensivamente pensadas e engendradas, essas representações de si partem de um ideário coletivo sobre o qual elas se fundamentam para projetarem-se como produtos a partir de uma semântica heteronormativa. Para tanto, as *strippers* constituem sua performance nessa iconografia como mulheres hiperfemininas e hiper-sexualizadas.

O trabalho das *strippers* implica na transformação contínua do seu corpo que, pode-se dizer, deve estar sempre apropriado à “situação de mercadoria” (APPADURAI, 2008), seja porque atende aos apelos dos padrões estéticos considerados adequados à função, por meio de ginástica, dietas, e outros procedimentos vistos como essenciais; seja na implementação de novidades para o mercado de *strip-tease* virtual, que se constituem principalmente na assunção de novas disposições corporais, práticas diferentes e incorporação de novas personagens. A competência da *stripper* para a conquista de maiores ganhos consiste também em projetar estereótipos e representações sobre um certo feminino em que é constantemente reinventado no aprimoramento de si enquanto mercadoria ou no investimento das personagens que incorpora em seu cotidiano. Diante das câmeras, essas *strippers* são chamadas a assumirem distintas personagens por meio de um corpo feminino objetificado para o consumo erótico-sexual, onde (ou a partir do qual) elas performam estereótipos de mulher dominadora, de “lolita”, de empregada doméstica que atende sexualmente ao patrão, de colegial, dentre outros.

Nesse cenário, elas também estão constantemente construindo gêneros, seja no momento de seu aprendizado sobre como desenvolver suas performances diante da *webcam*, seja quando projetam estereótipos de gênero a partir das personagens ou papéis que dramatizam geralmente a partir de uma pauta heteronormativa. Essas circunstâncias demonstram que o gênero é um processo de aprendizado contínuo, nunca terminado, que acontece em relação com outras categorias e de acordo com o contexto em que as pessoas estão inseridas.

O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada. Uma coalização aberta, portanto, afirmaria identidades alternadamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; tratar-se-á de uma assembleia que permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um *telos* normativo e definidor (BUTLER, 2003, p. 37).

Quanto aos *shows* dessas *web strippers*, é preciso destacar que eles envolvem um conjunto de práticas que, aliadas à representação e apresentação do corpo em todo seu potencial erótico, incluem masturbação, *strip-teases*, uso de vibrador projetando sexo oral, vaginal e anal, banhos e esguichos, por exemplo. Os pacotes oferecidos diferem entre eles basicamente em seu conteúdo, duração e preços, e são referências para as pessoas que pensam em contratar seus serviços, o que significa dizer que eles não são herméticos. E como outros serviços prestados no comércio sexual (PASINI, 2000), a negociação faz parte do processo. Nesse sentido, os possíveis clientes podem sugerir outras práticas e barganhar preços.

Para a análise e interpretação dos dados do campo, partimos do conceito de incorporação de Csordas (2008) que, com a ideia de “estar-no-mundo” e com o paradigma da corporificação, propõe uma análise que leve em conta a experiência vivida dos sujeitos, considerando-a como processo temporal e historicamente determinado. Nessa ótica de análise, o corpo é considerado sujeito da cultura, levando a experiência corporal à categoria de método de pesquisa, realçando o quanto a realidade estudada pode ser incorporada nos sujeitos pesquisados. Ademais, fundamentamo-nos nos estudos de gênero de Butler (2002, 2003), para a qual o gênero, não é uma essência, mas atos performativos que, no transcorrer do tempo, são renovados, revisados e também consolidados e cuja porosidade possibilita que subversões à norma possam acontecer na práxis dos sujeitos. Ele é o feito da repetição constante de um complexo de gestos, uma estilização do corpo, uma experiência corporal encarnada situada historicamente. Em vista disso, o conceito de performance é uma alternativa pertinente para a compreensão de como as mulheres aqui investigadas se constroem como *strippers* para a atuação nesse mercado.

A fim de discutir sobre as questões colocadas no início desta apresentação, dividiremos o texto em dois tópicos, além das considerações finais. No primeiro, o foco são as representações das *web strippers* sobre o seu trabalho e sobre sexualidade e pornografia. No segundo tópico, busca-se discutir as particularidades do trabalho mediado pelas telas dos computadores e o desejo de invisibilidade decorrente do estigma ligado ao ofício.

REPRESENTAÇÕES SOBRE O OFÍCIO OU “ISSO” É SEXO?

Na atualidade, buscar a distinção entre erotismo e pornografia parece ser improvável, pois os mais recentes debates sobre o tema indicam que não há consenso acerca do que caracteriza cada um desses termos, levando alguns autores a usar os dois termos indistintamente (ABREU, 1996; GREGORI, 2004). No intuito de delimitar as fronteiras do que seria erótico e pornográfico na tradição ocidental, Díaz-Benítez (2010) indica que o erotismo estaria relacionado ao amor, enquanto a pornografia seria vista como a parte “suja” do erotismo, uma nódoa que macularia seu apelo artístico e belo. Roger Horrocks (1995) afirma que a pornografia seria um tipo de cultura associada à classe trabalhadora e aos jovens, enquanto que o erótico, com seu viés artístico, filiar-se-ia às elites.

No caso das *web strippers*, o uso dos termos erotismo e pornografia se fazem presentes de maneira articulada, estratégica, pois elas os usam dependendo de como representam suas experiências no mercado do sexo e em razão da forma como gostam de ser percebidas e reconhecidas em relação ao seu trabalho. Se algumas afirmam que realizam sexo virtual, podendo comparar sua prática à de uma atriz de filme pornô, outras deixam claro que seu ofício é filiado ao erótico e nada tem a ver com pornografia, o que nos levar a considerar que esse é um universo que pode ser representado de diferentes formas, a partir de diversos termos e que, talvez mais importante, muitas vezes as mesmas mulheres podem dar significados ambivalentes ao seu trabalho.

Assim, as *strippers* aqui pesquisadas tendem a qualificar suas performances como de cunho erótico, dissociando-as da pornografia. Ao caracterizarem seu ofício como algo que remete à sedução e à sensualidade, certamente elas procuram dar-lhe uma conotação não estigmatizante. Talvez com o mesmo propósito, várias *web strippers* entrevistadas buscam também dissociar seu trabalho de outros segmentos do comércio sexual, principalmente da prostituição³. Ao comentar sobre como percebe seu trabalho e de uma possível relação com pornografia, Suzi diz: “se estudar o que quer dizer, a palavra pornô tem a ver com nudez e sexo. No meu caso é só nudez, exibicionismo, sensualidade. Pornografia é sexo explícito”. No entanto, ao indagá-la sobre o uso de dildo em sua performance, ela afirma que tratar-se-ia de fantasia, pois o sexo realizado com dildo não é real, “porque não é um pênis de verdade (risos), é só faz de conta”.

Para Lara, seus shows não têm qualquer relação com pornografia, já que “isso [a penetração e a exibição de seus pormenores anatômicos] faz parte dos shows, mas não quer dizer que é pornografia. Pornografia é quando a pessoa faz um monte de coisa para um monte de gente ver e que denigre sua imagem e causa até repulsa nos outros. Claro que tem *strippers* por aí que fazem isso, mas eu não”. Com esses argumentos, ela remete a práticas sexuais explícitas, além do que denomina como “fetiches estranhos” como os que envolvem urina e fezes, às vezes solicitados por alguns clientes.

Para Suzy e Lara, o pornográfico é (ou deveria ser) feito pelo “outro”. Suas performances seriam eróticas. Certamente esse tipo de afirmação se dá porque a sexualidade é um campo complexo perpassado por valores, normas, percepções e representações que orientam e enformam a vida das pessoas a partir de seu corpo e do significado de gênero que lhe é atribuído (FOUCAULT, 1988; BUTLER, 2002, 2003). Assim, há práticas sexuais representadas como genuínas e adequadas, mas também aquelas percebidas como impróprias e degradantes, mesmo dentro do mercado de serviços sexuais, o que condiz com a demarcação hierárquica que diferencia as *strippers* entre si e que faz recair marcas negativas sobre aquelas que realizam práticas vistas como desviantes e não aceitáveis entre os pares.

A diferença entre o trabalho da *stripper* convencional (que realiza suas apresentações diante de uma plateia física) e da *web stripper*, segundo Ludmilla é que se a primeira apenas dança e tira a roupa, a *web stripper* iria mais além: a *stripper* convencional “faz apenas um show de dança e tira a roupa, no máximo faz um *lap dance*4, tudo na frente do cliente/expectador, já a virtual faz somente pela internet, e vai um pouco mais além, tornando o show bem erótico [...] uma exibição mais pesada, mostrando as partes íntimas mais abertas e se masturbando com as mãos e brinquedos eróticos”. É esse o aspecto que incomoda Suzi, pois, para ela, “a *stripper* não deveria ter penetração com brinquedos, é que os clientes insistem e dá mais dinheiro. O *strip-tease* limpo é só a sensualidade, dançar e tirar a roupa... deveria ser assim. Adoraria que fosse só isso, mas pedem, fazer o quê?” “Isso”, na sua concepção seria o “*strip-tease* limpo”:

Nas casas de strip-tease é bem mais profissional, roupas mais sensuais e tem o pole-dance, né? Bem mais bonito de ser ver, é o strip verdadeiro e limpo. A diferença é que no [strip-tease] virtual, os caras já querem que a stripper além de tirar a roupa, faça sexo virtual com brinquedos e tal.

A ambivalência da representação de Suzi sobre sua ocupação é evidente. Provavelmente, ao dizer em um primeiro momento que não faz sexo com os clientes, ela busca afastar a

associação de seu trabalho com a pornografia e mesmo com a prostituição. Apesar disso, essa confusão semântica fica ainda mais clara quando ela contrapõe o *strip-tease* “limpo” de outras profissionais e o *strip-tease* “não limpo” que ela executa, porque suas apresentações envolvem cenas de masturbação e penetração e, portanto, não são tão somente “eróticas”, como ela gostaria.

Não é de surpreender que as percepções das *strippers* acerca das cenas hiper-reais que compõem suas apresentações e os modos como se dão as suas interações com os clientes sejam ambíguas e, muitas vezes, divergentes.

Os dois trabalhos [sexo real e sexo virtual] são completamente diferentes, nem uma coisa nem outra. Strip seria se eu apenas tirasse a roupa, relação sexual é contato, pele, real, eu faço apenas um show de strip mais masturbação. Comparar o que eu faço com sexo, seria como se eu fingisse que te dei um tapa pela webcam e você sáisse falando por aí que apanhou de mim. Nada aconteceu de verdade [...] o que aconteceu foi a simulação de uma relação [...] Um cara virgem não pode considerar que perdeu a virgindade após fazer sexo virtual, o que acontece é masturbação minha e dele. (Ludmilla)

Eu acho assim, que sexo mesmo tem toque, sentir o calor e o tesão no corpo da pessoa. O que fazemos aqui é um tipo de fantasia, por isso que não é sexo de verdade. [...] Quando estou fazendo meu show não penso que estou transando, o cara pode até imaginar, mas eu estou fingindo, representando para ele. (Lara)

Deusa da Web diz: “dou amor pras pessoas, é tudo isso que elas precisam porque não acontece nada na vida delas”. Inquirida se dá amor ou sexo, ela responde: “dou amor, eles que pensam que dou só sexo”. Ao ser perguntada se o seu trabalho tem algo a ver com prostituição, ela responde: “Não porque não há conjunção carnal, é voyeurismo, fetiche por observar, é tipo o circo erótico, ninguém fode com a contorcionista, mas que querem comer eles querem. Eu não cobro por sexo, querido.” Com essa alegação, Deusa busca dissociar o que acontece em seus shows de qualquer tipo de sexo, embora em outros trechos de suas falas, explicita que para ser uma boa *web stripper* e, portanto, fazer sucesso, é preciso gostar de sexo e ser “bem safada”. Se do ponto de vista conceitual elas se inclinam a separar o sexo de seu ofício, na prática essa questão alcança outros contornos. Isto é, mesmo que o cibersexo seja entendido por elas como algo que se oponha à realidade, que se construa somente no campo do simbólico, não se pode negar que seus efeitos, os bons e os maus, são vividos no corpo⁵. Para Edgar Cruz (2013), o cibersexo englobaria a fantasia e a realidade, tendo consequências reais, pois, acariciar-se, desnudar-se, masturbar-se através da câmera seria uma prática sexual mediada, não apenas uma fantasia. Dessa perspectiva, a virtualidade possibilitaria o deslocamento simbólico das pessoas, de modo que elas possam experimentar e mesmo criar novas realidades que se constroem a partir de abstrações, mas cujo resultado

implica em experiências que são fatos empíricos. Entendemos, acompanhando esse raciocínio, que o sexo virtual não é irreal - algo que se ancora na imaginação ou que seja apenas fantasia -, mas é outra forma de sexo, daquele convencional, face a face, sem a mediação de uma tela.

É possível afirmar ainda, que o sexo virtual realizado pelas *strippers* com os clientes, poderia ser pensado como simulacro, no sentido de Baudrillard (1991), não uma imitação do “real”, mas uma relação sexual constituída de dinâmicas próprias e mais próximas da hiper-realidade, pois seu corpo, as posições sexuais assumidas no intercurso dos shows, os sons emitidos, as disposições corporais e faciais visam comunicar uma relação com matizes próprios, em que os detalhes são levados ao extremo. Além disso, os clientes não são apenas *voyeurs*, mas também protagonistas, visto que os pacotes oferecidos objetivam não só excitar o espectador pela observação, mas também levá-lo a tomar parte no espetáculo encenado, ou seja, o sexo pode até ser virtual, mas isso não o torna irreal.

Se algumas *strippers* disseram que não mantêm relação sexual com os seus clientes, justamente porque elas não são de fato tocadas por eles, há aquelas que pensam o cibersexo como outra variedade de sexo, uma forma específica possibilitada pela tecnologia e que está disponível para quem quiser, desde que tenha acesso aos recursos tecnológicos necessários. Nessas circunstâncias, incluem entre seus serviços o sexo virtual, cuja oferta está relacionada à quantidade de minutos e preço do pacote a ser contratado.

O cliente quer sentir prazer, gozar, eles me procuram para sexo on-line. [...] Tem vários que procuram na rua para realizar suas fantasias, mas agora eles estão mudando porque é mais barato, seguro e não tem traição. A stripper virtual tem que saber cativar o cliente no show para ele voltar, fazer o show como [se] ele estivesse com ela isso tem que ter sedução e saber chamar para o sexo, o cliente tem que sentir tesão como estivesse ao vivo. (Bruna Sweet)

Vejo [essa interação] como um tipo de sexo, diferente, mas não deixa de ser sexo. Mesmo se eu não ficasse com tesão. Uma mulher, por exemplo, que não estava com tesão e que não gozou na transa com o marido, quer dizer que ela não fez sexo? (Camila)

Camila diz ainda que a maioria dos clientes que a contrata quer sexo após vê-la nua, deseja penetrá-la simbolicamente (para cujo gesto, os brinquedos eróticos têm papel fundamental, conforme ela coloca) ou realizar outra prática sexual, enquanto ela geme e sussurra no microfone ou conversa com ele pelo *chat* de modo sensual, em um diálogo característico de pessoas que estão mantendo uma relação sexual.

Há ainda algumas *strippers* que compararam seu trabalho com o de uma atriz de filmes pornô. Para Ludmilla suas performances e as de uma atriz desse gênero de filmes têm alguns pontos em comum porque há a simulação de sexo. Ela afirma que pode ser vista como uma “atriz pornô amadora”. Essa alegação também explicita a ambivalência das *strippers* sobre os modos como representam sua ocupação, em especial no que tange à realização de sexo com os clientes porque se, a princípio, Ludmilla se contrapôs à ideia de fazer sexo virtual com os clientes, cerca de um ano depois, ao ser questionada novamente se seu trabalho tinha correlação com sexo, afirmou: “É sexo virtual, isso que faço é sexo virtual sim, você tinha visto como outra coisa? Show só se for apenas dança com *strip* e tal, também faço show de *strip* com dança. Eu vejo como sexo virtual sim.”

Para Suzi, Ludmilla e Deusa da Web é possível encontrar semelhança entre o seu trabalho e o de uma atriz pornográfica, já que não fazem somente *strip-tease*, tampouco só sexo virtual com os clientes. Suas apresentações ultrapassam a conjugação dessas duas coisas, porque não é sexo virtual “comum”, mas uma encenação coreografada, que requer atenção com a luz, com a qualidade da imagem, com a roupa usada, entre outros aspectos. Importa também o fato de constituir uma relação monetária.

Comparar o trabalho da *stripper* virtual com o de uma atriz faz sentido, pois, na construção de suas apresentações, elas representam um papel, projetam e fingem desejo, simulam paixão e orgasmos, criam ilusão de serem parceiras ideais para o sexo, articulam feminilidades que atendem aos anseios dos mais diversos clientes. Atuam como mulheres hiperfemininas e sempre dispostas ao sexo, ainda que aqueles que queiram ter acesso à sua imagem e companhia tenham que pagar para isso. Para Deusa da Web, aliás, ela seria a atriz e alguns clientes os diretores do espetáculo:

Os clientes são os diretores, eles escolhem o tipo de interpretação, a namoradinha, a devassa, a chique, a boca suja, tem que interpretar. Tipo, eu não xingo os homens quando transo, mas tem gente que me paga para que eu os xingue e eles gozam comigo xingando. Faço o que eles pedem, se ele não comanda, eu comando, tem gente que é muito tímida.

Pode-se dizer, assim, que o ofício de *web stripper* é um processo comunicativo particular, no qual estão arrolados aspectos que têm a ver com o ofício de *stripper* e também com o de atriz pornográfica. Os termos *stripper* virtual e *web stripper*, comumente usados, então, não dão conta das práticas que tais mulheres executam diante da câmera, diferentemente do vocábulo em inglês *cam girl*⁶ que Ludmilla se refere em seus

relatos, já que este último seria mais amplo, pois se não define, também não restringe as práticas dessas mulheres.

DETRÁS DA MÁSCARA: O ESTIGMA SOCIAL E A BUSCA PELA INVISIBILIDADE

Entre as *web strippers* que tomaram parte da pesquisa, apenas Luana, Deusa da Web e Suzi⁷ mostram o rosto em seus shows. Em seus espaços de divulgação, no entanto, usam uma máscara que cobre apenas os olhos ou, então, nas fotos e vídeos, a câmera enfoca a região abaixo de seus olhos.

Ao se apresentar no *site* StripGatas era comum que Luana mostrasse o rosto algumas vezes, mas nunca quando realizava cenas de *fisting*⁸. Uma vez pediram que ela o mostrasse nessa parte do show e ela afirmou, pelo microfone, que não gostava de revelá-lo nesses momentos, sem falar o porquê. É possível pensar essa atitude se vincula aos códigos que envolvem os padrões heteronormatizados da sexualidade. Atuar no mercado do sexo já subverte as expectativas de uma feminilidade hegemônica, e a realização de práticas vistas como bizarras, consideradas como próprias de um “mau sexo”, de uma sexualidade anormal (RUBIN, 1993), como o *fisting*, imputa a suas realizadoras um duplo estigma, que pode provocar-lhes discriminação e escárnio por outros membros da sociedade. Provavelmente, ela buscava fazer o possível para minimizar os riscos de exposição ante sua família, amigos e outras pessoas em geral.

Para Erving Goffman (1982), o estigma é um atributo, um sinal ou marca, geralmente com aspectos negativos, imputados pelos demais a um sujeito ou grupo social, cujas consequências lhes colocam em situação de descrédito perante os demais, inviabilizando sua aceitação plena na sociedade. O estigmatizado, portanto, tem diminuído seu valor social dentro de um processo de segregação social que se constrói mediante códigos normativos socialmente estabelecidos. Assim, aqueles que não se adequam às normas são rotulados e estigmatizados.

As *strippers* virtuais extraviar-se-iam da norma por exercerem uma atividade sexual comercial, cujo fim é o prazer e não a procriação, com desapego afetivo, dada a variedade de clientes que utilizam de seus serviços (MEDEIROS, 2000). Sob essa perspectiva, mesmo trabalhando em um segmento que lhes permite executar o ofício sem ter que sair de casa e não ter contato físico com os clientes, o fato de usar o corpo para ganhar dinheiro

pode fazer com que lhes seja outorgado o “estigma de prostituta” (PHETERSON, 1989), situação da qual as *web strippers* buscam afastar-se ao esconder o rosto e evitar serem reconhecidas. Segundo a autora, essa etiqueta tende a ser atribuída a todas e quaisquer pessoas que trabalham ou tenham trabalhado no mercado do sexo, independentemente do lugar que ocupam. Não importa se sejam bailarinas de *strip-tease*, atendentes de tele-sexo, prostitutas ou atrizes pornográficas. O estigma atribuído às trabalhadoras sexuais teria como função principal o controle das práticas que questionam ou subvertem o estabelecido, separando as boas das más mulheres a fim de que se possa exercer o domínio sobre as primeiras enquanto se desprezam as últimas.

Por conta de seu corpo materializado enquanto superfície erótica e hiper-sexualizada, representado como paradigma de desejo e excitação sexual, as *strippers* virtuais escapariam da lógica normativa heterossexual e, desse modo, podem ser vistas como corpos abjetos, aqueles que de algum modo no sentido de Butler, fogem aos limites da inteligibilidade de gênero. Em entrevista a Baukje Prins e Irene Costera Meijer (2002), Butler afirma que a abjeção é um processo discursivo e contextual e se refere a corpos que não deveriam existir dentro de uma matriz cultural, corpos cujas vidas não são consideradas legítimas. Assim, as ao ultrapassarem os limites da norma, entendida aqui como a matriz sexual hegemônica, as *strippers* constituem-se como não-sujeitos em um processo discursivo e performativo, colocando-se às margens da estrutura social.

Mesmo que algumas de nossas interlocutoras tenham o ofício de *stripper* virtual como algo temporário⁹, a preocupação percebida em suas falas reside principalmente no fato de reconhecerem o estigma como algo totalizante e duradouro. Em geral elas têm consciência de que, se descobertas, ainda que abandonem a profissão, esse atributo negativo imputado socialmente poderá colocá-las sempre em suspeita, tanto em suas relações pessoais como profissionalmente, independentemente do que venham a realizar no futuro. Elas, portanto, parecem estar convencidas de que essa marca poderá impor-lhes a marginalização e dificuldades de se articularem positivamente em vários eixos sociais.

Por romper com os estereótipos idealizados de feminilidade e trabalhar com o desnudamento do corpo e com conjunções sexuais no ciberespaço, o estigma de prostituta espregueia cotidianamente as *strippers* e é usado, inclusive, por alguns dos próprios interessados em seus serviços no sentido de diminuí-las e ofendê-las, como pode ser observado a seguir.

Jujuba: *Tem caras que querem [shows] de graça. Ai, você fala que é pago e eles te chamam de prostituta.*

Pesquisador: *Em tom de ofensa?*

Jujuba: *Sim, eu não tenho nada contra com quem é. Mas eles falam pra ofender... Além de outros nomes que eles falam.*

Lara: *Já tive cliente que não ficou satisfeito com o show, e por conta disso me ofendeu, sabe, me chamando de prostituta, de puta, e por aí vai. Tem uns que são grossos demais.*

Como dito, por cautela, a maior parte das *strippers* entrevistadas não mostra o rosto de forma alguma. Em seus *blogs* e *sites* é geral o anúncio dessa posição, cuja atitude busca dissuadir as possíveis investidas dos clientes nessa direção. Mesmo diante de boas ofertas em dinheiro que costumam receber para que façam shows sem máscaras, Camila e Lara foram enfáticas em seus depoimentos ao dizer que nunca aceitaram e jamais aceitariam esse pedido dos clientes. Lara diz: “Independente da quantia, eu não mostro de jeito nenhum”. A busca pela invisibilidade tem grande relevo para algumas delas, tanto que, ao comparar seus shows com os de uma *stripper* que realiza suas apresentações ante uma plateia física, as menções às possibilidades de anonimato são contumazes:

Para mim é o fato da segurança, você faz na sua casa, sua família e amigos não sabem e você não mostra rosto. A [stripper] convencional fica mais exposta... (Jujuba)

O anonimato é para mim o mais importante. A que faz strip ao vivo [em ambiência física] pode até usar máscara, mas acho que fica mais fácil de reconhecer. (Lara)

Acho que na internet é mais seguro, também [pelo fato] da pessoa não saber quem você é. (Nayara)

Ainda a respeito da precaução de parte delas em se manterem anônimas nessa ocupação e, conseqüentemente, não terem de lidar com as sanções e o estigma dirigidos a quem trabalha no mercado do sexo, vale trazer a experiência de Ludmilla. Ela começou como *stripper* em um *site* americano, onde atuou por dez meses e cuja política exigia que todas as mulheres mostrassem a face em suas apresentações. Diante dessa determinação, para resguardar-se de alguma forma, ela se apresentava como Rika, de nacionalidade islandesa.

Ludmilla: Lá era obrigatório mostrar o rosto, eu aceitei porque era um site americano, e como as brasileiras chamam muita atenção fiquei achando que daria mais margem a ser gravada, e jogado o vídeo na rede. [...]

Pesquisador: *O que a Rika tinha de diferente da Ludmilla?*

Ludmilla: *Não sei ao certo, acho que o fato de mostrar o rosto. Também ganhei muita experiência lá.*

Não se pode negar que o ciberespaço, com suas possibilidades de anonimato, viabiliza diversas experiências da sexualidade, de certa forma livres dos padrões heteronormativos, sem maiores riscos de se ter que arcar com as conseqüências sociais desses atos, aspecto que algumas *web strippers* acreditam incidir sobre o fato de cada vez mais clientes buscarem seus serviços. Nesse panorama, a realidade virtual também é o que permite a elas alcançarem ganhos financeiros no comércio do sexo sem ter que expor sua identidade, cujo receio de discriminação em várias esferas de sua vida faz com que tenham muito cuidado nesse sentido. Em outras palavras, em sua prática, elas buscam o ocultamento de sua identidade, encobrendo, por exemplo, seus gostos, experiências, valores e comportamentos que regem sua vida privada e, assim, manterem sua invisibilidade para que não sejam estigmatizadas socialmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões que nortearam este artigo partiram das particularidades do sexo comercial no ciberespaço. Embora não acreditamos na oposição virtual/real, é inegável que as interações *on-line* têm aspectos muito próprios em relação às *off-line* e nestas considerações finais a ideia é retomar essas particularidades a partir do ofício das *web strippers*.

Nesse trabalho, uma questão importante refere-se à própria tecnologia. Além da performance corporal, para o sucesso na obtenção de clientes é necessário que haja qualidade na transmissão, obtida tanto pela velocidade da internet como pela qualidade e posição da câmera, que precisa captar os melhores ângulos. É fundamental também saber o quê e como dizer a quem está do outro lado da tela, para que o serviço comprado atenda aos desejos e expectativas dos clientes. Enfim, sua imagem-mercadoria deve satisfazer o que a propaganda promete. Em seus shows, a *webcam* é usada para captar milimetricamente seus pormenores anatômicos, as poses de caráter sexual, bem como os momentos de penetração em todos os detalhes possíveis de retratar. Também, na efetivação de um roteiro do *espetacular*, as palavras, sussurros e gemidos cenográficos têm lugar destacado, indicam que o sexo está de fato acontecendo entre as *strippers* e os clientes e que elas também podem obter prazer nessas relações, o que geralmente serve de estímulo para os últimos.

Com corpos produzidos para o gozo e o prazer visual, as *strippers* virtuais têm como foco as representações dos desejos dos sujeitos com efeitos consumistas, desejos esses que não estão atrelados tão só às marcas subjetivas, mas em imagens construídas social e culturalmente com base na matriz heterossexual, para falar com Butler (2003). Diante disso, o trabalho dessas mulheres pode ser pensado a partir de dois eixos interdependentes: primeiro, na perspectiva da expansão da lógica da mercadoria de Appadurai (2008), e considerando que nos dias atuais o domínio da imagem alcançou um patamar até então desconhecido, os objetos também circulam enquanto imagens e assim são também apropriados. Assim, elas comercializam sua imagem erotizada e sexualizada em vários ambientes do ciberespaço, situação em que a ideia de simulacro (BAUDRILLARD, 1991) tem importante significado, porque, ao fim e ao cabo, ao realizar um *strip-tease* ou encenar práticas sexuais em comunicação sincrônica com os clientes o que está sendo comercializado é a sua imagem. O segundo eixo se refere ao fato de que sua prática pode ser pensada como uma prestação de serviços (como a prostituição), porque na interação, os clientes buscam o gozo e a satisfação sexual e elas, o dinheiro. Mesmo que não estejam no mesmo espaço físico, a internet e suas tecnologias de comunicação os levam a localizarem-se na mesma ambiência virtual, no momento da interação.

É provavelmente devido à essa particularidade de seu trabalho que as *web strippers* pesquisadas apresentam certa dificuldade em dizer como representam sua ocupação e a si mesmas na realização do ofício. Mais ainda, algumas delas veem-se em conflito entre o que gostariam de realizar em cena e o que garante maiores lucros. Para elas, está claro que limitar-se muito quanto aos pedidos dos clientes obstaculiza a conquista de maiores ganhos financeiros e pode mesmo levá-las ao ostracismo no ramo. Por isso fazem concessões, ampliando seu rol de atividades. Isso não quer dizer, porém, que elas não coloquem limites a si mesmas.

A forma como os clientes, de maneira geral, representam-nas nessas interações comerciais, o de mercadoria, ou melhor, o de objeto - de acordo com suas falas, é um aspecto que acreditam depor contra si mesmas e é causa de estigma. Essa imagem é motivo, inclusive, para que vejam algum tipo de correspondência de seu trabalho com a prostituição, como colocam Jujuba e Camila:

Sabe o que não me agrada? Ser tratada como um produto, como se não fosse uma pessoa. Exemplo: faz isso, vira, volta, faz aquilo, como se eu fosse um boneco. (Jujuba)

[...] eu gosto disso, [me] sinto bem fazendo isso, sempre gostei de [me] mostrar. Mas sei que os clientes que pagam [pelos shows] me veem como um objeto, como algo que vão usar para gozar, para divertir naquele momento e depois tchau. Tem exceção nisso, até porque tenho uns clientes fofos, carinhosos. Mas você sabe como funciona, estão pagando para me ver, para fazer de conta que estão me comendo, que eu estou trepando com eles. [...] (Camila)

Em compensação, algumas *strippers* se referem a certos clientes com menosprezo e indiferença, o que pode ser visto como uma estratégia para que possam recuperar diante de si mesmas o estatuto de pessoa. Se podem se sentir inferiores, porque tratadas pelos clientes como mercadoria, classificá-los como fúteis ou pouco cultos pode fazê-las sentir-se superiores a eles. Lara, por exemplo, afirma que se sente mais madura e inteligente que grande parte dos clientes que entram em contato com ela, já que vários deles só conseguem conversar sobre futebol, sexo e o que está sendo veiculado na grande mídia. É claro que essa posição não é geral entre as mulheres pesquisadas, o que revela também como esse universo é marcado por tensões e ambiguidades.

Outra estratégia usada pelas *strippers* para desvencilhar-se do estigma de objeto é explicitar que este é um trabalho temporário. Ludmilla, Camila e Lara, por exemplo, pensam em deixar a função assim que comecem a atuar em sua área de formação após o término da faculdade. Jujuba (que já terminou a graduação) afirma que “*stripper* não é um trabalho para mim e sim um ‘lazer lucrativo’”. Quando eu estiver trabalhando na minha área será algo muito esporádico”.

Em momento algum as *strippers* entrevistadas demonstraram sentir-se como vítimas, pelo contrário. Elas não se veem como objeto, antes, estão conscientes de sua escolha e da agência que detêm sobre seu corpo. Em uma situação parecida à condição de empoderamento que Pasini (2000) encontrou entre as prostitutas por ela pesquisadas, em que elas se sentiam empoderadas pelo fato de os homens procurá-las e de elas tomarem a decisão final na negociação e na prática do programa, algumas das *web strippers* afirmam adorar serem admiradas e desejadas por tantos homens.

Enfim, entre sua identidade pessoal e as personagens assumidas no desenvolvimento de seu trabalho, a estética corporal e as experiências dessas mulheres enquanto *strippers* têm relação com os desafios de romper com barreiras individuais e também com as marcas do social (MAUSS, 1974) que aponta as normatizações sociais que tentam moldar o corpo, em culturas distintas, através de sistemas de classificação. Tais rupturas não

são jamais completas, mas fissuras estabelecidas que possibilitam que elas promovam outras experiências que aquelas concebidas e preconizadas pela heteronormatividade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Nuno César. *O olhar pornô: a apresentação do obsceno no cinema e no vídeo*. SP: Mercado das Letras, 1996.

APPADURAI, Arjun. Introdução: mercadorias e políticas de valor. In: APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas. As mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: EdUFF, 2008.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"*. Buenos Aires: Paidós 2002.

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. RJ: Ed. Civilização Brasileira, 2003.

CSORDAS, Thomas. A corporeidade como um Paradigma para a Antropologia. In: CSORDAS, Thomas. *Corpo/significado/cura*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

CRUZ, Edgar Gómez. *Cibersexo: ¿La última frontera del Eros? Un estudio etnográfico*. México: Universidad de Colima, 2003.

DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. *Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro*. RJ: Zahar, 2010.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4.^a ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

GREGORI, Maria Filomena. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M. IN: PICITELLI, Adriana, GREGORI, Maria Filomena e CARRARA, Sérgio. *Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HORROCKS, Roger. *Male myths and icons: masculinity in popular culture*. New York: St. Martin's Press, 1995.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974.

MEDEIROS, Regina de Paula. *Hablan las putas. Sobre prácticas sexuales, preservativos y SIDA en el mundo de la prostitución*. Barcelona: Virus Crónica, 2000.

PASINI, Elisiane. *Corpos em evidência, pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 2000.

PHETERSON, Gail. *Nosotras las putas*. Madrid: Talasa, 1989.

PRINS, BAUKJE and MEIJER, IRENE COSTERA. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Rev. Estud. Fem.* vol.10, n.1, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11634.pdf> Acesso em: 20.01.14

RUBIN, Gayle. O tráfico de mulheres: notas sobre a "economia política" do sexo, In: *SOS Corpo - Gênero e Cidadania*, Recife, 1993.

SILVA, Weslei Lopes. *O sexo incorporado na web: cenas e práticas de mulheres strippers*. Tese de doutorado, Ciências Sociais, PUC-Minas, 2014.

NOTAS

1. Pesquisa de doutorado de Weslei Silva (2014), sob orientação de Juliana Gonzaga Jayme.
2. Dentre os quais, destaca-se o site StripGatas (www.stripgatas.com.br), no qual foram acompanhadas, por três meses, as apresentações de duas *strippers* envolvidas na pesquisa. Os shows aconteciam sempre às 23:00 e por cerca de uma hora, uma *stripper* se apresentava para uma média de trinta a quarenta internautas por noite.
3. No rol de estratégias performativas das *web strippers* pesquisadas, não ter contato físico com os clientes é uma alegação constantemente evocada, principal argumento a fim de refutar qualquer proximidade de seu trabalho com a prostituição. Mesmo que algumas delas reconheçam como base de seu trabalho o sexo virtual, com genuína repercussão física no corpo (cujo fato constantemente é aludido por elas a partir do gozo do cliente), nenhuma delas desconsiderou em seus relatos a ausência de contato físico para a explicação do que fazem, motivo, inclusive, comumente aludido para se referirem à sua entrada nesse ramo da indústria do sexo.
4. Espécie de dança erótica comum em clubes de *strip-tease*, em que e a dançarina se movimenta sensualmente com ou sem roupa.
5. Um exemplo que explicita essa ideia se refere à disponibilidade das *web strippers* para a penetração anal com dildos e vibradores ou outros brinquedos eróticos, prática importante para a conquista de maior número de clientes e de ganhos mais vultosos. É comum esse tipo de prática acontecer no final do show, visto que, como algumas destacaram, esse tipo de penetração tende a ser desgastante se feito em excesso. Sobre isso, Ludmilla comenta: "temos que administrar o tempo muito bem para não sairmos de lá esfoladas... (risos). Então primeiro dançar e provocar com *strip*, e coisas mais pesadas só no fim, porque se em 5 minutos de show eu começasse nua e a me masturbar quando desse 55 minutos eu estaria morta!".
6. *Pesquisador*: Então, se é mais sexo virtual como você diz, porque todas se nomeiam como *strippers*?
7. *Ludmilla*: Foi um nome que "pegou", aí eu uso porque ajuda nas buscas e porque todo mundo está chamando assim, não tem um outro nome rolando. [...] A *stripper* seria uma dançarina de boite que tira a roupa e isso que eu faço é mais uma *cam girl* como chamam no exterior, não tem uma definição [...] Acho que fazemos um tipo de show erótico com interação, mas que não deixa de ser uma espécie de sexo virtual.

8. Suzi disse fazê-lo somente para alguns clientes e, mesmo assim, após reiteradas solicitações.
9. Prática sexual na qual é inserida a mão ou antebraço na vagina ou ânus.
10. É comum que elas digam que trabalham como *web strippers* enquanto estão na Faculdade ou até conseguirem um emprego melhor.

Artigo recebido: 20 de julho de 2015

Artigo aceito: 30 de julho de 2015